

A ESCRITA CIENTÍFICA NA FORMAÇÃO DO PESQUISADOR: FUNDAMENTOS TEÓRICOS, LEITURA ACADÊMICA E RIGOR METODOLÓGICO

SCIENTIFIC WRITING IN RESEARCHER TRAINING: THEORETICAL FOUNDATIONS, ACADEMIC READING, AND METHODOLOGICAL RIGOR

ESCRITURA CIENTÍFICA EN LA FORMACIÓN DE INVESTIGADORES: FUNDAMENTOS TEÓRICOS, LECTURA ACADÉMICA Y RIGOR METODOLÓGICO

Ramon Alves dos Santos¹ 0000-0002-1862-831X
Ian Lima Santana² 0000-0002-2926-0792
Oliveira Adão Miguel³ 0009-0009-4612-3886
Benedito Gonçalves Eugênio⁴ 0000-0002-5781-764X

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; ramonalvesfernandes@gmail.com

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; ianlimasantana@gmail.com

³ Instituto Superior de Ciências da Educação, Kilamba, Luanda, Angola; oliveira.miguel@isced-huila.edu.ao

⁴ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; benedito.eugenio@uesb.edu.br

RESUMO:

Este trabalho constitui-se como um ensaio teórico cujo objetivo é problematizar e discutir os elementos que compõem a estrutura do artigo científico e expor a relação simbiótica que há entre eles. Pleiteamos essa reflexão para mostrar as implicações práticas deste manuscrito, uma vez que o domínio sobre os níveis de leitura influencia a escrita de um artigo mediante a apropriação e adaptação das ideias elaboradas por outros autores. Quanto à disposição e redação do texto, ao considerá-las como um processo, apontamos que a escolha adequada do título, seguida de um resumo convidativo e de uma introdução bem construída, denotam condições satisfatórias para que o material, após sua publicação, seja acessado e tenha seu alcance ampliado. Feito isso, preparamos o terreno para adentrarmos aos fundamentos metodológicos e reforçamos que a mobilização entre a abordagem, o tipo de pesquisa, os instrumentos para produção de dados, as técnicas para organizá-los e o referencial teórico para analisá-los conferem rigor ao texto. Nas considerações finais, assinalamos o papel social atribuído à produção de um artigo científico, na medida em que ele apresenta contribuições educacionais e científicas que, direta ou indiretamente, são voltadas à comunidade.

Palavras-chave: artigo científico; escrita acadêmica; escrita científica; leitura acadêmica; metodologia da pesquisa científica.

ABSTRACT:

This work constitutes a theoretical essay whose objective is to problematize and discuss the elements that compose the structure of a scientific article and to expose the symbiotic relationship between them. We advocate this reflection to show the practical implications of this manuscript, since mastery of reading levels influences the writing of an article through the

appropriation and adaptation of ideas developed by other authors. Regarding the arrangement and writing of the text, considering them as a process, we point out that the appropriate choice of title, followed by an inviting abstract and a well-constructed introduction, denote satisfactory conditions for the material, after its publication, to be accessed and have its reach broadened. Having done this, we prepare the ground to delve into the methodological foundations and reinforce that the mobilization between the approach, the type of research, the instruments for data production, the techniques for organizing them, and the theoretical framework for analyzing them confers rigor to the text. In conclusion, we highlight the social role attributed to the production of a scientific article, insofar as it presents educational and scientific contributions that, directly or indirectly, are aimed at the community.

Keywords: scientific article; academic writing; scientific reading; scientific research methodology.

RESUMEN:

Este trabajo constituye un ensayo teórico cuyo objetivo es problematizar y discutir los elementos que componen la estructura de un artículo científico y exponer la relación simbiótica entre ellos. Abogamos por esta reflexión para mostrar las implicaciones prácticas de este manuscrito, ya que el dominio de los niveles de lectura influye en la redacción de un artículo mediante la apropiación y adaptación de ideas desarrolladas por otros autores. En cuanto a la organización y la redacción del texto, considerándolas como un proceso, señalamos que la elección adecuada del título, seguida de un resumen atractivo y una introducción bien estructurada, denota condiciones satisfactorias para que el material, tras su publicación, sea accesible y tenga un alcance más amplio. Con esto en mente, preparamos el terreno para profundizar en los fundamentos metodológicos y reforzamos que la interacción entre el enfoque, el tipo de investigación, los instrumentos para la producción de datos, las técnicas para organizarlos y el marco teórico para su análisis confiere rigor al texto. En conclusión, destacamos el papel social atribuido a la producción de un artículo científico, en la medida en que presenta contribuciones educativas y científicas que, directa o indirectamente, están dirigidas a la comunidad.

Palabras clave: artículo científico; escritura académica; lectura científica; metodología de la investigación científica.

Introdução

O artigo científico se constitui como um dos meios de comunicação mais comuns e com maior credibilidade na seara acadêmica (Bianchetti; Machado, 2025; Lanzasova; Silva; Corrêa, 2025; Silva, 2025). Atribui-se a esse veículo informativo a capacidade profícua de produção, circulação e validação do conhecimento. A formação de um pesquisador implica, necessariamente, que ele tenha a capacidade de mobilizar um conjunto de elementos e valências analíticas para estruturar e construir argumentos sobre determinados fatos. Estes, por sua vez, são transcritos em publicações sob a forma de artigos. Enquanto gênero textual, ele possui especificidades que são regidas por convenções próprias, normas institucionais e expectativas compartilhadas pelos indivíduos que compõem as diferentes vanguardas.

O cânone da escrita científica pressupõe a existência de um arranjo lógico-formal que deve ser seguido metodicamente para a construção de textos de diferentes naturezas, seja ao expor uma reflexão teórico-conceitual, seja ao definir e delimitar um problema empírico e propor soluções para ele, ou até mesmo se debruçar sobre um determinado acontecimento e elaborar uma explicação que tenha como pano de fundo uma perspectiva histórica (Ziman, 1979; Bourdieu, 2004; Dionísio, 2011). De uma maneira ou de outra, o fato é que a elaboração de um artigo requer que a maior parte das disposições que integram tal arranjo sejam cumpridas e, à parte disso, estejam alinhadas às características que expressam o estilo de escrita de um autor, de modo a diferenciá-los dos demais.

Diante deste preâmbulo, é necessário entendermos que muitos pesquisadores em formação enfrentam dificuldades recorrentes que se fazem presentes nas etapas de planejamento e elaboração de um artigo. Esses percalços surgem pela ausência da capacidade argumentativa e pela fragilidade que compõem o manuscrito. Ao refletirmos acerca de ambos os aspectos – a capacidade de construir uma argumentação sólida e a sistematização da estrutura metodológica –, nos baseamos em Adler e Van-Doren (2025) para afirmar que esses empecilhos despontam devido ao entendimento parcial ou incompleto de determinadas obras. Dessa forma, o pesquisador deve avaliar minuciosamente esses materiais e extrair deles componentes que possibilitem a aquisição de novos conhecimentos e/ou embrenhar-se naqueles já existentes.

O artigo científico, além de se constituir como um meio de apresentação e comunicação dos resultados de uma pesquisa, também é considerado como um instrumento de legitimação do conhecimento e estabelece os critérios de validação deste (Bourdieu, 2004, 2024). As discussões deslocam o foco de abordagens prescritivas para uma apreciação extensa e formativa, visto que a escrita deve ser entendida como um processo contínuo. De antemão, é preciso esclarecer que, embora o artigo científico tenha uma arquitetura bem delimitada, sua construção é maleável e flexível, pois o pesquisador dispõe de um conjunto de elementos, recorre à sua criatividade e os organiza de uma maneira muito específica para dar forma aos seus pensamentos.

Quanto às motivações que nos levaram a redigir este manuscrito, pontuamos inquietações relacionadas à compreensão dos fenômenos sociais e como estes são comunicados para o público não especializado por meio das produções acadêmicas (Bueno, 2012; Campo, 2014). Nessa direção, as etapas que atravessam a elaboração de um artigo podem ser analisadas perante uma concepção metacientífica na medida em que integra os processos de produção, validação e circulação do conhecimento nas instituições e nos centros de pesquisa. Os estudos realizados por Vieira e Silva (2023) e Santos e Fernandes (2024) apontam um aumento

considerável na leva de publicações – a qual inclui artigos, teses e dissertações – e demonstram a importância das atividades desenvolvidas na dinamização da produção científica atual.

No que se refere às contribuições deste ensaio, ele pode fornecer orientações e auxiliar indivíduos que adentraram na universidade. Também destina-se a um público multifacetado que, por sua vez, inclui estudantes de graduação e pós-graduação, professores interessados na temática em questão e entusiastas, de modo a ajudá-los a compreender a disposição da escrita e as etapas que a compõem. Além disso, o texto oferece subsídios para que o pesquisador a entenda como um processo contínuo que possibilita a reflexão sobre o *modus operandi* da ciência. Esses apontamentos dão suporte para o desenvolvimento da autonomia intelectual do investigador na medida em que tal postura dialoga com as convenções e práticas consolidadas na área.

Dada a relevância da escrita para a comunidade acadêmica, este estudo tem como objetivo apresentar os fundamentos teóricos e metodológicos que integram a elaboração de um artigo científico e, ademais, demonstrar que diferentes modos de organização em sua estrutura lógica conferem coerência interna ao manuscrito. À vista disso, analisa-se o artigo científico enquanto gênero acadêmico e instrumento de reflexão que permeia a carreira intelectual. Ao fazê-lo, sustentamos a tese de que o pesquisador deve lançar mão de diferentes recursos e sistematizá-los de maneiras distintas com a finalidade de estabelecer uma correlação entre esses elementos e mobilizá-los para dar vazão aos objetivos de pesquisa¹.

Definição e arquitetura do artigo científico

Apresentamos, nesta seção, as partes constituintes do artigo científico, com ênfase em sua arquitetura lógica e funcional, e discutimos de que maneira seus elementos se articulam para atribuir coerência interna à construção textual. Parte-se da compreensão do artigo científico enquanto gênero acadêmico, a fim de delinear o papel do resumo, da introdução, da metodologia, da análise dos dados e discussão dos resultados, das considerações finais e das referências. Feito isso, estaremos no terreno para discussões posteriores de caráter metodológico e analítico.

¹ Neste ensaio, adota-se uma organização que se diferencia dos modelos convencionais de escrita. No início de cada seção, apresenta-se o núcleo da discussão, uma vez que cada tópico é compreendido como um objetivo específico articulado ao objetivo geral do texto exposto neste parágrafo.

A importância do artigo científico e sua estrutura lógica

O artigo científico configura-se como um gênero textual amplamente difundido no âmbito acadêmico e, dentre as múltiplas finalidades atribuídas a ele, a sua capacidade de expandir um conjunto de conhecimentos é, de fato, a mais popular, devido à comunicação intencional, rigorosa e orientada por normas próprias do campo científico. Embora tal qualificação seja louvável, é de fundamental importância que esse conhecimento seja processado e transposto para o manuscrito de uma maneira específica, tendo em vista os critérios de atualidade, sistematização e validade do saber para um determinado grupo social. Aquém do ineditismo, existem diversos motivos que amparam a escrita de um artigo: quer pela investigação de problemas teórico-conceituais, metodológicos e empíricos, quer pela possibilidade de revisitar, reinterpretar e tensionar determinados fatos.

Nessa direção, o artigo científico resultante de uma pesquisa empírica possui uma arquitetura particular que difere em detalhes e nuances do ensaio acadêmico, visto que este último se propõe a analisar um tema com o objetivo de apresentar um ponto de vista, sem que haja, necessariamente, a obrigação de apontar conclusões sobre os fatos investigados (Lukács, 2000; Adorno, 2003; Severino, 2016). Embora ambos os gêneros sejam distintos, seus elementos de confluência estão relacionados à mobilização das ideias de outros estudiosos para sustentar e dar sentido a uma determinada perspectiva; para o artigo, esse processo é realizado, sobretudo, nas seções de caráter metodológico e analítico, ao passo que, no ensaio, ele é construído ao longo de toda a extensão textual e no modo como cada parte se relaciona entre si.

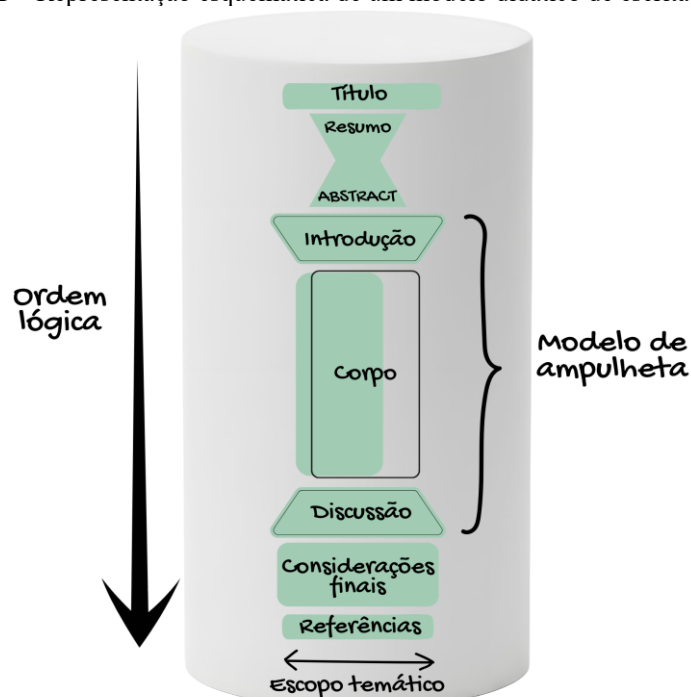
No presente trabalho, nos inspiramos em Swales (1990) e Day e Gastel (2012) para situar e discutir o modelo didático de escrita científica alinhado à estrutura *IMRaD*² para afirmar que um artigo, seja qual for a sua natureza, possui a seguinte organização: (i) título; (ii) resumo; (iii) introdução; (iv) metodologia; (v) resultados e discussão; (vi) considerações finais; e (vii) referências. No que concerne ao título, este deve ser informativo, pois sua principal função é condensar o tema discutido e antecipar o sentido global do texto; sua construção é feita como uma forma de diálogo entre o público ao qual o artigo é destinado e as ideias a serem comunicadas. Por outro lado, Swales e Feak (2009) consideram que a elaboração do resumo é multifacetada e pode ocorrer de diferentes maneiras. Daremos maior atenção a ele ao final desta

² Sigla em inglês para “*Introduction, Methods, Results and Discussion*”.

seção, visto que ambos, título e resumo, são os últimos elementos construídos no processo de escrita.

À luz dessa discussão, Belt, Mottonen e Harkonen (2011) consideram que a introdução tem como principal finalidade fixar a atenção do leitor e, para isso, sua organização deve ser planejada e executada de um modo que difere das demais seções. É necessário que a parte introdutória contenha frases mais gerais e que a sua construção seja conduzida como uma apresentação do assunto investigado, na qual se exponha o contexto deste último. Na introdução também podem constar as motivações, justificativas e a importância da temática, bem como os autores que se propõem a discuti-la e, ao final dela, deve-se apresentar o objetivo (ou problema de pesquisa). Nessa perspectiva, Swales (1990) propõe um modelo didático que nos auxilia a entendermos a arquitetura do artigo científico e seus componentes, conforme ilustra a figura 1.

Figura 1 – Representação esquemática de um modelo didático de escrita científica



Fonte: Adaptado de Swales (1990) com o auxílio do Canva, 2026.

Com base nas ideias de Swales (1990), identificamos que a introdução³ se assemelha ao formato de um trapézio cujo topo é mais largo e se afunila gradativamente à medida que dispõe de informações específicas; a base é mais estreita e contém o objetivo investigado. Dito isso, sugerimos que essa seção disponha de três parágrafos para contextualizar temática, um parágrafo que exponha as motivações dos autores, um parágrafo que teça as devidas

³ É preciso destacar que a introdução, juntamente com a metodologia e a discussão dos resultados, formam o modelo de ampulheta proposto por Swales (1990).

contribuições do estudo que está sendo elaborado e, finalmente, um parágrafo que expresse o objetivo ou a problemática investigada. Este último deve constar no final da introdução. Quanto às motivações e contribuições, reconhecemos que essas partes são opcionais durante o processo de escrita; por outro lado, caso o autor se disponha a escrevê-las e desde que ambas sejam redigidas com maestria, tais elementos embelezam o texto e tornam sua leitura mais interessante.

Ao propormos essa arquitetura linear para a escrita da introdução em artigos científicos, sustentamos que ela possibilita uma conexão minuciosa entre as ideias expostas no parágrafo e cumpre com os requisitos de Swales (1990). De fato, essa construção pode ser realizada mediante a articulação entre as referências clássicas que ocupam o cerne de um dado campo de pesquisa e as referências atuais, publicadas a cada cinco anos, que constam nos periódicos especializados. Essa ação mostra que houve uma preocupação em compreender e analisar como a temática pesquisada evoluiu do ponto de vista cronológico e quais ideias que a fundamentam se mantiveram atemporais e têm sido utilizadas em estudos vigentes.

A metodologia, por sua vez, corresponde à descrição detalhada das etapas, processos e procedimentos que compuseram a pesquisa em sua inteireza (Flick, 2008; Severino, 2016; Dantas, 2025). Swales e Feak (2012) afirmam que os recursos empregados podem variar conforme a área de investigação, independente de sua natureza. A seção metodológica pode ser extensa ou compacta – denominada de “corpo” na figura 1 da página anterior –, desde que informe como os dados foram produzidos e esclareça o modo como eles foram analisados. De antemão, reforçamos que todos esses elementos devem estar em consonância com os objetivos, visto que o desenho metodológico de uma pesquisa adquire coerência interna na medida em que esses componentes se relacionam entre si e evitam ambiguidades de caráter epistemológico.⁴

De modo complementar, a análise dos dados e a discussão dos resultados podem ser realizadas de diferentes modos. Swales e Feak (2012) pontuam que o autor de um texto dispõe de quadros, gráficos, tabelas, figuras e citações para expressar um dado e o examinar com base na perspectiva estatística – para o caso de pesquisas que lidam com valores mensuráveis – ou recorrem aos argumentos de outros estudiosos para garantir transparência e rigor às ponderações realizadas em uma pesquisa qualitativa. Em ambos os casos, deve-se seguir a lógica do trapézio que forma a base do modelo de ampulheta apresentado na figura 1 desta

⁴ Daremos especial atenção à construção da metodologia e à análise dos resultados na terceira parte deste trabalho. Optamos por proceder dessa maneira com o objetivo de possibilitar maior progressão à leitura; do contrário, caso optássemos por incluir esse tópico, a discussão esboçada neste trecho se tornaria demasiadamente extensa.






seção: em um primeiro momento, explicam-se os resultados para, em seguida, alargar a discussão e compará-los com outros estudos publicados, tendo em vista suas semelhanças e diferenças.

Desses esclarecimentos, Dantas (2025) pontua que a seção que contém as considerações finais (ou conclusão) pode ser redigida de diferentes formas, mas todos os casos resguardam elementos comuns. Dentre as suas atribuições, as considerações finais executam uma retomada dos objetivos de pesquisa e dos resultados obtidos, além dos argumentos empregados para sustentá-los. Atrelado a isso, essa seção também identifica as lacunas de investigação, ou seja, pontos não explorados durante a etapa de discussão devido à proposta do artigo ou às limitações e às fragilidades na construção epistemológica de um determinado campo do conhecimento. Além desses motivos, é possível que a conclusão reforce as contribuições do estudo e reafirme sua importância. Por fim, é possível que o desfecho colocado abra possibilidades para a realização de pesquisas futuras que ampliem a compreensão do objeto.

Por outro lado, Borges (2023) assegura as referências como um compilado de todos os materiais consultados (livros, teses, dissertações, etc.) que dialogam com artigos que ainda estão no prelo e dos quais, após a publicação, extraíram-se ideias e argumentos para corroborar as premissas elaboradas, seja ao construir uma paráfrase, seja ao realizar uma citação direta. Ao se amparar em referências clássicas e atuais, o autor demonstra elevada capacidade analítica ao fazer menção às ideias que se mantiveram atemporais, ao passo que também alude às ideias inovadoras, respectivamente. Reconhecer a influência de outras obras sobre os fatos que o autor se propõe a investigar é fundamental na construção da transparência e da ética que regem a pesquisa e seus respectivos processos; essas ações evitam reflexões isoladas e desprovidas de embasamento teórico, conceitual e metodológico.

Finalmente chegamos à escrita do resumo. Sugerimos que esse componente seja a última parte do trabalho a ser desenvolvida, visto que ela contém uma síntese de toda a pesquisa em sua extensão. Sua escrita deve ser alocada em um único parágrafo e deve conter entre 100 e 250 palavras, conforme prevê as disposições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) em sua norma de número 6028 publicada em 2021 (ABNT, 2021). As frases do resumo devem ser concisas e enxutas e, de acordo com Swales e Feak (2009), devem apontar todos os elementos destacados até aqui com base na lógica do seguinte movimento retórico: objetivo; meios utilizados para cumpri-lo (metodologia); resultados obtidos; e as ponderações finais. O quadro 1 apresenta uma síntese sobre as características presentes em resumos bem redigidos.

Quadro 1 – Movimentos retóricos que compõem o resumo

Movimento	Informações	Questionamentos
1.	a) Introdução; b) Contexto;	 O que sabemos acerca desse tópico? Qual é a sua importância
2.	c) Objetivos;	 Do que se trata o estudo?
3.	d) Metodologia;	 Quais foram as suas etapas de desenvolvimento?
4.	e) Resultados; f) Discussão;	 Quais fatos foram descobertos?
5.	g) Considerações finais;	 Quais as implicações dos achados?

Fonte: Adaptado de Swales e Feak (2009) com o auxílio do Canva, 2026.

Em seguida, logo abaixo do resumo, constam as palavras-chave. Estas últimas representam a temática investigada e a sua quantidade varia entre três e cinco, de modo que suas iniciais são grafadas em maiúsculo e separadas por ponto e vírgula, com base nas normas da ABNT (2021). Esses termos devem ser escolhidos com muito capricho e esmero, visto que ampliam a possibilidade de leitura e citação do trabalho a partir da conexão estabelecida entre o artigo escrito e outras obras que abordam temas semelhantes. Portanto, sugerimos que os autores de um artigo, ao redigirem as palavras-chave, evitem o uso de termos genéricos e pensem-nas como marcadores conceituais indexados a várias bases de dados, a exemplo da SciELO, Google Acadêmico, Scopus e outros portais de periódicos.

Essa ação, quando realizada de maneira exitosa, evita que o artigo, ao ser publicado, se torne invisível para quem o busca. De acordo com García, Gattaz e Gattaz (2019), para que um trabalho tenha seu alcance ampliado, a predileção das palavras-chave deve despontar de uma reflexão acurada sobre conceitos nucleares à investigação, cuja funcionalidade remeta à extensão do título, do resumo e do conteúdo textual. Dito de outro modo, as palavras-chave devem traduzir e expressar o teor do problema de pesquisa. Nesse caso, é comum pensar que os termos centrais que integram a discussão se manifestem com recorrência ao longo do texto e sejam utilizados como indexadores; não necessariamente, visto que, durante o processo de escrita, podem acontecer duas coisas: por um lado, uma expressão pode ser frequente e, ainda assim, ser genérica; e, por outro, suas aparições podem ser escassas, mas fundamentais para a compreensão da estrutura textual.

De uma forma ou de outra, o fato é que ambas as partes, resumo e palavras-chave, devem formar um todo coeso. Seguido do título, o resumo é a porta de entrada para atrair novos leitores

e, por consequência, aumentar o número de downloads da publicação, além de possibilitar que ela seja citada por outros pesquisadores. Esses dois parâmetros têm sido adotados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para avaliar os Programas de Pós-Graduação em todas as regiões do Brasil e mensurar a qualidade das revistas eletrônicas. A síntese das ideias contidas no texto, apresentada de modo transparente e conciso, deve conter todos os elementos fundamentais – objetivo, metodologia, análise, resultados e considerações finais. Esses componentes permitem que o leitor adentre o texto, compreenda seu escopo e identifique a relevância da pesquisa.

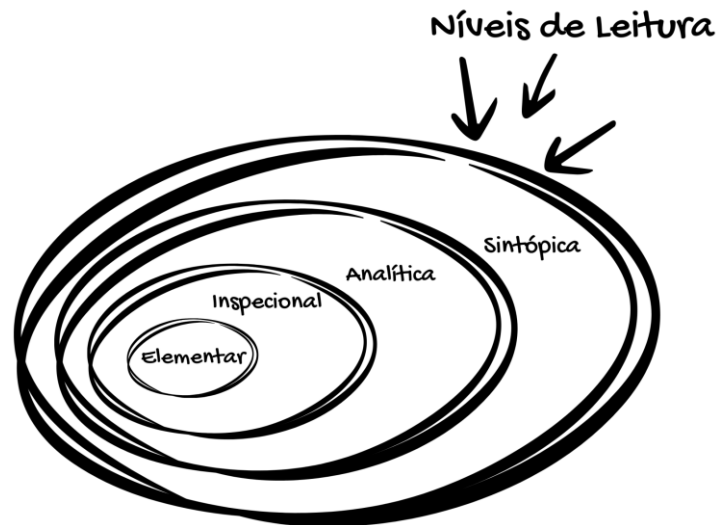
Ler e escrever

Esta seção tem como objetivo relatar a importância da leitura para a aquisição de novos conhecimentos e para o aprimoramento daqueles já existentes. Associado a isso, mostramos que os diferentes níveis de leitura influenciam a escrita na medida em que a identificação dos argumentos centrais de uma obra permitem ao pesquisador construir um vasto e ostensivo repertório bibliográfico e reconhecer diferentes posicionamentos sobre uma temática.

A influência da leitura sobre a escrita

Em sua obra seminal “*Como ler livros: o guia prático para a leitura inteligente*”, cuja primeira edição data de 1940, Adler e Van Doren (2025) discutem e sistematizam a relação simbiótica que há entre a leitura e a escrita. Os autores propõem que ambas são de fundamental importância para a construção da jornada intelectual de um indivíduo, pois os atos de ler e escrever contribuem para a aquisição de novos conhecimentos e auxiliam na transição para a experiência primeira. Ao se debruçar sobre a atividade da leitura, Adler e Van Doren (2025) a organizam em níveis, sendo eles: (a) leitura elementar; (b) leitura inspeccional; (c) leitura analítica; e (d) leitura sintópica. Essa divisão pode ser considerada como uma estratificação não-linear, de modo que os níveis são sobrepostos entre si (conforme mostra a figura 1), ou seja, o avanço para níveis mais complexos requer o domínio dos anteriores.

Figura 2 – Representação esquemática dos níveis de leitura



Fonte: Elaborado a partir de Adler e Van Doren (2025) com o auxílio do Canva, 2026.

De antemão, reiteramos que as práticas de leitura e escrita são de grande relevância para o planejamento e para a construção de um artigo científico. Nesse sentido, a mobilização desses elementos, quando realizada de maneira adequada, auxilia na organização das ideias e possibilita a fundamentação dos argumentos. Adler e Van Doren (2025) afirmam que a leitura elementar – conforme a própria nomenclatura sugere – representa o nível básico de alfabetização. Na medida em que há o desenvolvimento desse processo, o leitor decodifica os signos linguísticos e torna-se capaz de identificar letras, sílabas, palavras, frases e outras configurações sintáticas. Trata-se de responder à seguinte pergunta: *o que o texto diz?* Aqui, a ênfase recai na identificação do vocabulário e da gramática que, por sua vez, possibilita o entendimento literal do enunciado.

A propósito, o simples ato de “ler as palavras” não permite a construção sistemática dos sentidos subjacentes de um texto; desse modo, a leitura elementar é uma condição necessária, mas, por certo, é insuficiente para dar sustentação aos argumentos. Dito de outro modo, ao operacionalizarmos as ideias apresentadas por Adler e Van Doren (2025) sobre esse nível de leitura, afirmamos que o domínio elementar, quando transposto para a escrita, se atém tão somente ao caráter informacional. Tal fato se justifica pela impossibilidade para a identificação dos pressupostos, lacunas e tensões internas incorporadas numa determinada obra. A ausência da análise crítica compromete a originalidade do artigo e limita suas contribuições, uma vez que a referência aos materiais consultados é realizada sem uma articulação direta com o que se pretende comunicar.

Por outro lado, Adler e Van Doren (2025) afirmam que a leitura inspeccional constitui-se como um nível mais avançado e estratégico se comparada ao nível anterior. Os intelectuais estadunidenses a consideram como um momento de reconhecimento no qual o leitor se orienta e desenvolve a tomada de decisão ao se deparar com um texto, seja qual for a sua natureza. Esse nível de leitura é intencionalmente seletiva⁵, pois sua premissa fundamental consiste em identificar do que se trata uma determinada obra (livro, artigo, ensaio, tese, dissertação, etc.) e construir um panorama geral sobre ela. Para um livro, essa construção ocorre à medida que o leitor consulta o título que consta na capa e a sinopse que aparece na contracapa, bem como as informações apresentadas nas abas anexadas em ambos os elementos pré-textuais.

É importante que o leitor observe o sumário e o índice remissivo do material, pois a nomenclatura adotada para cada um dos capítulos e a organização de tópicos, nomes, conceitos e palavras-chave facilitam o entendimento geral dos fatos abordados. Por esses motivos, o reconhecimento da arquitetura do texto pode ser complementada por meio da leitura integral do prefácio, enquanto a leitura parcial da introdução e das considerações finais também auxiliam no andamento desse processo e otimizam a gestão do tempo intelectual. Ao lançar mão de todas essas valências, o indivíduo torna-se capaz de estabelecer a progressão temática da obra e a relação entre as partes e o todo. Em síntese, a leitura inspeccional provê os recursos para a apreciação acerca da arquitetura textual – formada pelas linhas argumentativas da obra – e suas potenciais implicações.

No que se refere à construção de artigos científicos, nos baseamos no debate traçado por Adler e Van Doren (2025) para afirmar que os componentes agrupados nesse nível de leitura, quando implementados corretamente, facilitam o processo de escrita. Por essa razão, sugerimos que as afirmações genéricas, habituais durante a redação do texto, estejam respaldadas em referências consistentes que permitam a rápida identificação de suas contribuições para uma dada área de investigação sem que haja, necessariamente, a leitura exaustiva daquela fonte consultada. Em linhas gerais, a escrita de um artigo científico tem como base o acesso a materiais publicados em diferentes épocas, de modo que estas referências sustentam os argumentos do texto em construção; em razão disso, o caráter das discussões apresentadas demonstram a sua contribuição para o campo de pesquisa, seja ela conceitual, empírica e/ou metodológica. Esse processo de identificação é realizado por meio da leitura do resumo (ao se tratar de teses, dissertações ou outros artigos) ou do prefácio (ao se tratar de livros).

⁵ Ainda que os autores apresentem uma estratificação para as etapas que compõem a leitura inspeccional, não é nosso objetivo fazê-lo, visto que o cerne desta discussão é apresentar um panorama geral do nível de leitura em questão.

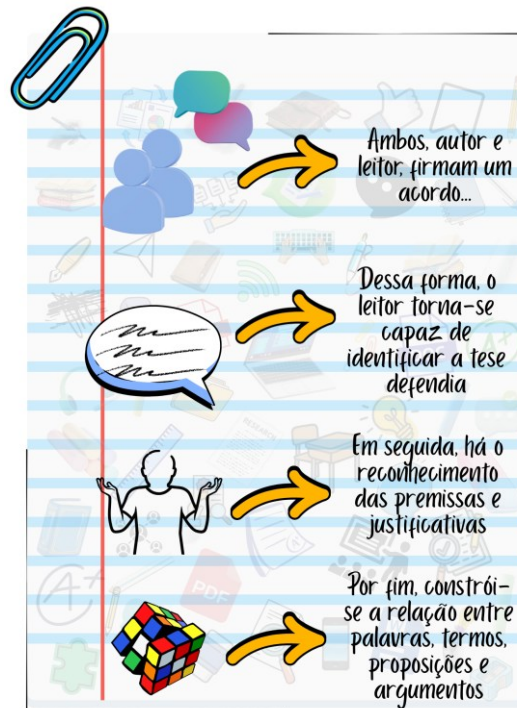
A seleção das referências é realizada por meio de um levantamento bibliográfico minucioso; esta etapa é de grande importância no processo de escrita, pois essa leva de materiais dá firmeza aos argumentos colocados. Nessa direção, a leitura inspeccional de outros artigos científicos, sendo eles clássicos ou atuais, permite a rápida identificação dos seguintes elementos: (a) objetivo(s); (b) fundamentos metodológicos (abordagem e tipologia da pesquisa, instrumento(s) empregado(s) para produção de dados e a(s) técnica(s) facilitadoras para a organização); (c) referencial teórico adotado para discussão (mobilização dos conceitos apresentados por um autor e/ou articulação entre perspectivas complementares; e (d) considerações finais apontadas por meio da análise dos resultados. Essas sugestões são especialmente úteis para a construção de uma Revisão Sistemática da Literatura mediante a investigação de outros trabalhos dessa tipologia investigativa, bem como para a escrita de artigos resultantes de uma pesquisa empírica.

Ao esmiuçar as teses esboçadas por Adler e Van Doren (2025), identificamos que o nível posterior à leitura instrucional é a leitura analítica; esta última requer maior esforço, pois é preciso que o leitor se atente às facetas e nuances que integram um texto e permitam sua plena compreensão. Os intelectuais estadunidenses reiteram que o leitor deve ser proficiente, no sentido de identificar a unidade da obra e a tese defendida pelo autor, bem como os argumentos, premissas e justificativas que ele utiliza para sustentá-las. De modo complementar, reforçam a seguinte ideia: o leitor deve estar inclinado a firmar um acordo com as ideias postas pelo autor; feitas as devidas considerações, o segundo torna-se capaz de compreender minuciosamente a mensagem comunicada pelo primeiro. Nesse contexto, Adler e Van Doren (2025) sugerem que esse processo pode ser feito mediante a operacionalização da arquitetura linear proposta por eles.

Eles consideram que um indivíduo, ao se embrenhar nas entrelinhas de um texto, desenvolve a proficiência leitora e está habilitado a diferenciar um *termo* de uma *palavra*. De antemão, é imprescindível definirmos que “[...] *um termo é o elemento básico do conhecimento comunicável*” (Adler; Van Doren, 2025, p. 101, *grifado pelos autores*), assim como o “[...] *uso habilidoso das palavras com o objetivo de comunicar conhecimento*” (Adler; Van Doren, 2025, p. 103, *grifado pelos autores*). Amparados em fundamentos lógicos, os autores apontam que essa diferenciação permite o reconhecimento das proposições e quais efeitos e sentidos elas produzem na argumentação, de modo que as proposições se relacionam entre si e formam um ordenamento coeso. Dito de outra maneira, há uma combinação entre termos e palavras, uma vez que a disposição específica entre eles atribui sentido à elaboração das frases e estas, por sua

vez, compõem o todo e expressam as minúcias dos argumentos empregados. Essa colocação está sintetizada na figura 2.

Figura 3 – Síntese dos fundamentos que compõem a leitura analítica



Fonte: Elaborado com base em Adler e Van Doren (2025) com o auxílio do Canva, 2026.

A leitura sintópica se diferencia dos demais níveis pelo fato de que sua principal atribuição consiste em fornecer os meios necessários para que o indivíduo identifique um conjunto de obras que tratam da mesma temática. Feito isso, Adler e Van Doren (2017, 2025) pontuam que esse nível demonstra, de fato, a capacidade de proficiência do leitor ávido à medida que permite articular, comparar e integrar ideias provenientes de múltiplas fontes que giram em torno de uma dada problemática ou do mesmo conceito. À parte disso, a leitura sintópica possibilita mapear o estado do conhecimento, quer pelo exame minucioso de convergências ou divergências teóricas, quer pela identificação de lacunas de pesquisa. Nesse sentido, há a (re)construção do diálogo intelectual entre diferentes produções científicas.

Quanto à sua operacionalização, este nível se manifesta no arranjo do artigo acadêmico em sua completude, seja ao redigir a seção introdutória como uma apresentação da temática, seja ao elaborar a metodologia de maneira bem fundamentada, e até mesmo na análise minuciosa dos dados e na discussão consistente dos resultados. De um modo ou de outro, o fato é que a leitura sintópica permite a aquisição de novos conhecimentos e lapidação daqueles já existentes. É sabido que esse processo implica na escrita de uma introdução que fixe a atenção

do leitor, exponha a problemática investigada (ou pergunta de pesquisa), a contextualize e apresente o objetivo do estudo.

Ao tomar posse da leitura sintópica, o pesquisador também torna-se capaz de construir uma arquitetura metodológica que seja farta em detalhes e informações, de modo a elucidar didaticamente o caminho trilhado. Ao lado disso, é de suma importância que haja a referência às ideias de intelectuais que, em alguma medida, contribuíram para o entendimento acurado dos elementos metodológicos, bem como aqueles que propuseram teorias pedagógicas e outros mecanismos em diferentes enfoques e perspectivas. Quando bem articuladas, essas valências tornam a escrita do texto bem amarrada, pois, conforme asseguram Adler e Van Doren (2017, 2025), torna-se possível diferenciar um termo de uma palavra, identificar as proposições, encadear argumentos de maneira lógica e comparar posicionamentos distintos.

Fundamentos metodológicos e discussão dos resultados

Esta seção discorre sobre os elementos que constituem a metodologia e como a ordenação lógica entre eles confere rigor e austeridade à pesquisa. À parte disso, pontuamos como a disposição desses componentes pode facilitar o processo que atravessa a sistematização, análise e discussão dos resultados, tendo em vista que um conhecimento ostensivo sobre a bibliografia da temática investigada amplia as possibilidades e torna as ações da pesquisa concretas e tangíveis.

Elementos metodológicos: a espinha dorsal do artigo científico

Conforme vimos na seção 1.1, a construção de um artigo científico demanda certo rigor e busca propor uma reflexão, responder a uma pergunta ou comunicar um conjunto de conhecimentos. Nesse sentido, ao investigar um determinado fato, o autor resolve esboçar certas ideias sobre esse evento e transpô-las para um rascunho que, posteriormente, se transformarão em um artigo – desde que sejam feitas as devidas considerações. Para investigações que se atêm às transformações da realidade social e aos fenômenos educacionais, a abordagem qualitativa dispõe de múltiplos recursos, de modo que estes, ao serem organizados de uma determinada maneira, conferem rigor à pesquisa e dão sustentação às premissas e às teses levantadas. A figura 4 apresenta uma síntese de todos esses elementos e seu modo de articulação.

Figura 4 – Elementos que compõem o desenho metodológico da pesquisa



Fonte: Elaborado a partir de Severino (2016) com o auxílio do Canva, 2026.

Autores como Corbin e Strauss (2008), Poupart *et al.* (2008) e Flick (2009) afirmam que a abordagem qualitativa é pertinente para a investigação de fenômenos sociais e educacionais, visto que a construção do estudo e a delimitação da temática estão relacionadas às motivações e às inquietações do pesquisador. Embora seja influenciável pelo contexto e esteja atrelada a elementos interpretativos, a pesquisa qualitativa é rigorosa, visto que a sua execução requer um planejamento acurado. Além disso, a referida abordagem também inclui nitidez no modo como os dados foram produzidos e transparência em todo o percurso analítico. Contudo, também é necessário nos atermos aos fatores de imprevisibilidade que essa abordagem carrega consigo, pois o campo de pesquisa é dinâmico e tal fato, por sua vez, implica em situações não previstas no planejamento inicial.

Durante a escrita do artigo científico, é importante que o pesquisador, ao investigar uma dada temática em um contexto educacional, seja ele qual for, relate os meandros da investigação e aponte as dificuldades encontradas (Gustavii, 2017; Borges, 2023; Dantas, 2025). Nessa perspectiva, entrevistas podem ser modificadas, os roteiros podem ser ajustados, o *locus* pode ser alterado e as estratégias também podem ser reformuladas devido às interações e às condições concretas do campo. A documentação rigorosa desse processo não invalida a pesquisa, mas demonstra a flexibilidade metodológica característica da abordagem qualitativa. As etapas que compõem o planejamento atuam como um guia orientador para a realização de ajustes

necessários, contanto que haja justificativas teóricas e metodológicas bem fundamentadas no corpo do texto.

No escopo da abordagem qualitativa, existem diferentes tipologias de pesquisa que são planejadas e implementadas conforme objetivos específicos. Em síntese, os tipos de pesquisa operacionalizam e concretizam a abordagem e estão atrelados a objetos singulares, ao desenho metodológico e à estratégia investigativa. Nessa direção, tais tipologias não se constituem como categorias inertes, tampouco são subalternas à abordagem, mas, por certo, são aparelhos analíticos que guiam o recorte e o contexto do fenômeno em questão e a forma como ele é descrito na extensão do campo empírico. Ao refletir sobre a pergunta colocada, o pesquisador pondera para que possa fazer uma escolha pertinente, visto que o tipo de estudo a ser desenvolvido possui uma relação simbiótica com a natureza do problema de pesquisa.

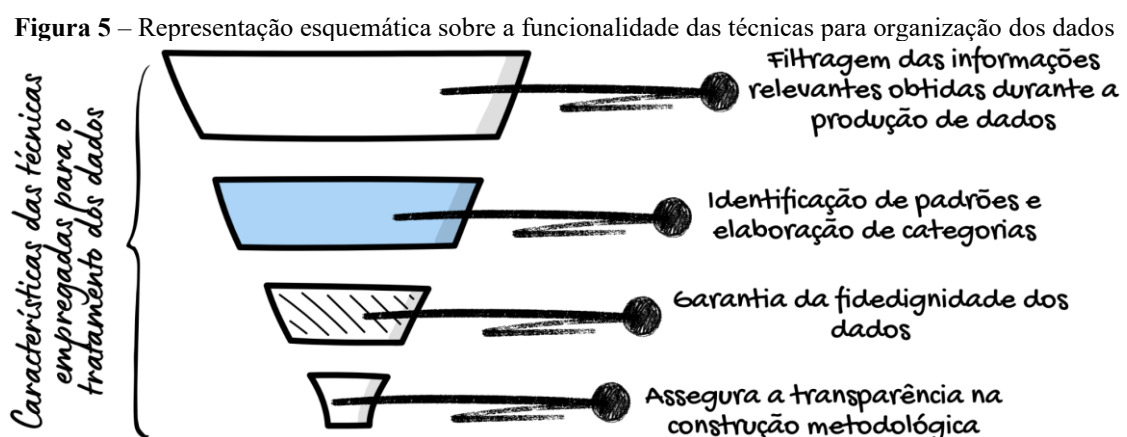
Os instrumentos para a produção de dados, por sua vez, correspondem aos recursos e dispositivos empregados para a obtenção de informações, visto que eles constituem-se como os elementos que mediam a relação entre o pesquisador, o objeto de estudo e o campo empírico (Triviños, 2015; Severino, 2016; Lüdke; André, 2018). A escolha dos instrumentos é de suma importância para o desenvolvimento da investigação, em virtude do condicionamento do tipo de dado produzido, da forma de acesso àquela realidade e dos limites interpretativos da pesquisa em si. Dentre as suas principais características, cabe destacar seu caráter intencional e sistemático, pois esses recursos operam conforme o planejamento prévio construído pelo pesquisador; questionários, roteiros de entrevistas, protocolos de observação, diários de campo, cartas pedagógicas, casos de ensino, relatos, etc., são exemplos dos dispositivos mencionados neste parágrafo.

Nesse contexto, os artigos científicos produzidos por meio de estudos pontuais e esporádicos recorrem aos instrumentos citados no parágrafo anterior, visto que eles já estão validados pela comunidade acadêmica. Embora isso de fato aconteça, é preciso que haja um refinamento, construído mediante reflexões coletivas feitas com indivíduos experientes, a fim de obter respostas mais coerentes com aquele contexto. Por outro lado, uma parcela das pesquisas realizadas a nível de mestrado e doutorado têm buscado elaborar seus próprios instrumentos com o objetivo de garantir o ineditismo da investigação. Contudo, é preciso submetê-los para validação junto aos pares para que não atribua-se a eles somente uma dimensão técnica, mas, por certo, que os assegurem enquanto processo aberto à críticas e sugestões cujo propósito direciona-se ao aprimoramento da produção de dados.

Diferentemente dos instrumentos, as técnicas de organização operam numa zona de transição alocada entre a produção de dados e sua análise interpretativa. Ainda que elas façam

parte dos fundamentos metodológicos, uma de suas principais atribuições consiste em realizar uma filtragem para dar ênfase à aspectos relevantes da pesquisa e dar sentido ao material investigado. À parte disso, tais técnicas visam transformar dados brutos, que podem estar fragmentados e dispersos, e torná-los organizados e inteligíveis. No que tange à pesquisa qualitativa, o elemento metodológico discutido neste parágrafo toma como base a categorização e a construção de esquemas por meio de recursos digitais e softwares que facilitam a visualização dos dados. Esse modo de proceder não elimina a complexidade, mas cria condições que auxiliam o processo de análise.

Diante do extenso volume de material empírico, as múltiplas técnicas permitem ao pesquisador identificar relações de recorrência, selecionar, alocar e sintetizar informações sem descaracterizá-las. Ao implementar tais procedimentos, a pesquisa se torna transparente na medida em que demonstra e corrobora os critérios de validação e confiabilidade – junto aos pares e ao público não especializado – no tratamento dos dados. Essa transparência é especialmente relevante em artigos de caráter empírico, visto que permite avaliar a inteireza das inferências apontadas com base na amostra. Soma-se a isso o fato de que a dimensão ética incorporada a essas técnicas surge com base na fidedignidade dos registros originais e a não manipulação indevida destes. Dentre as técnicas mais utilizadas no meio acadêmico, citamos as seguintes: Análise de Conteúdo (Bardin, 2015); Análise Textual Discursiva (Moraes; Galiuzzi, 2007); e Análise Temática (Braun; Clarke, 2006). A figura 5 apresenta uma síntese das ideias contidas neste parágrafo e nos dois anteriores.



Fonte: Elaborado pelos autores com o auxílio do Canva, 2026.

Para fins de exemplo, vejamos uma situação concreta de como os elementos que compõem a metodologia – incluindo os “procedimentos de outras naturezas” da figura 4 – podem ser operacionalizados. Imagine que um indivíduo, ao ingressar na pós-graduação, se proponha a desenvolver um estudo sobre Formação de Professores com um corpo docente que

atua na Educação Básica. O *locus* da pesquisa é uma escola que integra o Núcleo Territorial de Educação 20 (NTE-20) na região Sudoeste da Bahia. A definição dos participantes deve satisfazer uma única condição: os professores envolvidos na pesquisa devem estar em entrada de carreira, ou seja, devem ter começado a exercer a docência num período entre um e três anos. Contudo, a instituição na qual a pesquisa seria realizada não obedece a esse critério; é necessário procurar uma nova instituição.

Ao fazer uma busca minuciosa no mesmo NTE, o indivíduo encontra outra escola, situada numa cidade vizinha e que cumpre com esse requisito, de modo que os professores aceitam participar da investigação. Durante a etapa de planejamento e escrita do projeto, submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), busca-se desenvolver um estudo qualitativo expresso por meio de uma pesquisa-formação. Embora a premissa fundamental dessa tipologia tome como base o diálogo, a produção de conhecimentos e a troca de experiência entre os partícipes, o corpo docente dá indicações de que a arquitetura metodológica e as atividades desenvolvidas estão sendo construídas de modo rígido e dão pouca abertura à expressão das ideias individuais. Ao refletir sobre isso, o pesquisador resolve alterar o estudo para uma pesquisa colaborativa e utilizar a carta pedagógica, a escrita de relatos e diários de bordo e a entrevista narrativa como instrumentos.

Esses elementos se mostram coerentes com o contexto, pois inclui os professores como colaboradores fundamentais para o andamento da pesquisa. Ao observar a realidade educacional, o pesquisador identifica que as ações colaborativas atendem às necessidades do corpo docente. O novo desenho metodológico gera um maior engajamento se comparado ao formato anterior e, à parte disso, produz um grande volume de dados, de modo que as informações obtidas após a filtragem mostraram-se relevantes. Após essa etapa, o pesquisador recorre a alguma teoria – compreendida, nesse contexto, como um *corpus* sistematizado de conhecimentos – para analisar tais informações, compará-las com resultados já consolidados na literatura e apontar inferências.

Durante o processo de escrita do artigo, tendo em vista que o pesquisador irá submetê-lo em um periódico especializado, é de suma importância que ele sinalize essas alterações, ainda que em linhas gerais. Ao indicar as escolhas metodológicas e justificá-las, demonstra-se que a investigação articula diferentes elementos, pois estes garantem a conformidade da estrutura metodológica. Embora a abordagem qualitativa tenha como base um planejamento inicial, disposto sob a forma de um projeto de pesquisa, seu caráter processual permite que seus componentes sejam revistos e, caso necessário – conforme o exemplo apresentado –, sejam alterados.

Análise interpretativa e atribuição de sentidos aos resultados

Após organizar e sistematizar os dados, é necessário interpretá-los à luz de um referencial teórico que esteja alinhado aos objetivos do estudo. Dito isso, o pesquisador deve lançar mão dos conhecimentos adquiridos por meio da leitura analítica e da leitura sintópica para mostrar a consistência das evidências empíricas e de que maneira a análise traçada contribui para o avanço da ciência, conforme reforçam Adler e Van Doren (2017, 2025). Ao investigar, comparar, contrapor e relacionar ideias, é importante que o autor, ao redigir um manuscrito, exponha o modo de organização das informações obtidas (resultados) e coloque em movimento uma interpretação que dê sentido a elas (discussão). Em grande parte dos periódicos, esses dois componentes apresentam-se em um formato articulado que consta numa única seção.

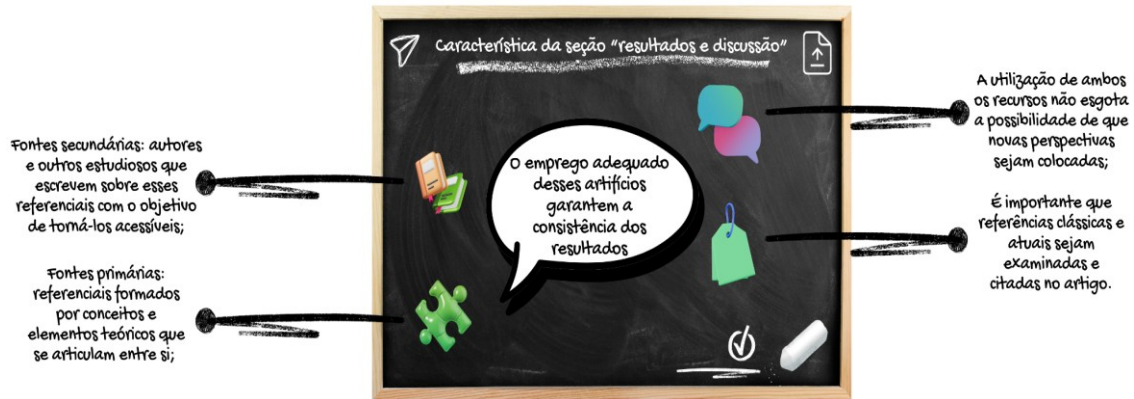
Cabe destacar que o conhecimento sobre a bibliografia especializada de um dado tema mostra-se de grande relevância para a redação do texto. Soma-se a isso o fato de que os argumentos que integram determinados referenciais são de difícil apreensão durante a primeira leitura das publicações canônicas. Ao longo desse processo, sugerimos que o pesquisador recorra aos comentadores desses materiais para que ele possa ter um panorama geral sobre os fatos investigados, tendo em vista que a exposição dos conceitos é construída de modo mais didático se comparada às fontes primárias. Embora essas ideias auxiliem na escrita que corrobora a seção dos resultados – além de atuarem como um suporte e os tornarem inteligíveis –, nada substitui a leitura do material original para que ele possa ser compreendido em sua totalidade.

Esse procedimento permite que haja a mobilização de conceitos e pressupostos estabelecidos por outros intelectuais. A menção tanto a estudos clássicos quanto a estudos vigentes deve ser feita para dialogar com os resultados obtidos, seja para confirmá-los, ampliá-los, problematizá-los ou mesmo confrontá-los. Digamos que um teórico⁶, ao propor um *corpus* sistematizado de conhecimento, elabora uma premissa sobre um fato; outro teórico, ao observá-la, identifica que a completude desse mesmo fenômeno vem à tona ao elaborar uma segunda premissa, complementar à primeira. Dito de outra maneira, o saber progride na medida em que há contribuições e reflexões sobre o que está posto com o intuito de ampliar o escopo da ciência.

⁶ Nesse contexto, empregamos a palavra “teórico” para nos referirmos a um estudioso que propõe uma teoria (seja ela pedagógica, sociológica, filosófica, científica, etc.). Já a expressão “autores” – grafada no plural – contempla estudiosos que se debruçaram sobre os conceitos que fazem parte desse corpus sistematizado do saber e escreveram obras secundárias para facilitar seu entendimento.

Ainda que um objeto de pesquisa tenha sido investigado minuciosamente, tal ação não esgota a possibilidade de que ele seja visto numa outra perspectiva. O núcleo argumentativo deste parágrafo está representado na figura 6.

Figura 6 – Representação esquemática das ideias que formam os resultados e as discussões



Fonte: Elaborados pelos autores com o auxílio do Canva, 2026.

Reforçamos que a articulação com a literatura especializada, ao ser elaborada com esmero, não dá margem para que as evidências sejam apresentadas isoladamente. Mesmo nos casos em que os resultados resguardam ineditismo e se caracterizam como inovação, eles se relacionam com achados publicados anteriormente, ora para desvelar facetas e nuances até então desconhecidas, ora para demonstrar suas limitações. Cabe destacar que a disposição dos dados deve evitar duas formas de polarização: a descrição excessiva, que altera a natureza dos resultados obtidos, e a interpretação especulativa, que transpõe as inferências convenientes ao estudo.

Há de se considerar, ainda, que o equilíbrio entre aspectos descritivos, analíticos e interpretativos atribui densidade teórica e credibilidade científica à seção dos resultados e discussão, de modo a expor as contribuições das ideias – apresentadas sob a forma de artigo – para um dado campo de pesquisa. É importante que o pesquisador adquira flexibilidade durante o processo e se atenha aos meandros e às idas e vindas da investigação. A abertura para revisões, ajustes e reelaborações não a fragiliza, mas constituem-se como possibilidades que alinham objetivo e objeto, referencial teórico e metodologia, instrumentos e dados empíricos. O arranjo desses componentes externa que a produção do conhecimento científico não é linear e nem sempre ocorre de maneira previsível.

Retomemos o exemplo do estudo prático citado na subseção 3.1, cujo *locus* é a Educação Básica. Após desenvolver a pesquisa colaborativa e obter os dados mediante a implementação dos instrumentos, o pesquisador, ao realizar o exame minucioso das informações, identificou que há uma incoerência entre estas e o referencial teórico adotado;

dessa forma, é preciso alterá-lo, mesmo que ele tenha como cerne a Formação Docente. Nesse contexto, o campo empírico mostrou-se responsivo e as necessidades dos professores participantes sobressaíram em relação ao planejamento inicial da investigação. Dito isso, identificou-se que houve o deslocamento de um referencial que contempla *questões didáticas e pedagógicas* para um outro relacionado ao *desenvolvimento profissional*.

Figura 7 – Representação esquemática da influência do campo de pesquisa sobre o projeto



Fonte: Elaborados pelos autores com o auxílio do Canva, 2026.

Com base na figura 7, identificamos que o papel do projeto é orientar as ações empíricas a serem tomadas durante a *praxis*. Esse processo demanda ligeira maleabilidade, visto que é necessário fazer escolhas e justificá-las *a posteriori*. Para as tipologias de pesquisa que enfatizam o conceito de “*formação*”, esses ajustes são corriqueiros devido à natureza horizontal desses estudos, nos quais estão imersos diálogos, reflexões coletivas e problematizações práticas. Nesse sentido, o campo de pesquisa não é neutro em relação às etapas que compõem o projeto, pois as atividades laborais nele desenvolvidas afetam a condução do estudo. Seu arranjo – marcado por interações, resistências, emergências e imprevistos – tensiona o planejamento inicial e exige disposições metodológicas contínuas; a investigação se constrói em estreita relação com as condições e respostas produzidas no próprio campo. Dessa forma, sugerimos que essas idas e vindas sejam apontadas durante a escrita do artigo.

Considerações finais

Ao longo deste ensaio, refletimos sobre o artigo científico não apenas como um aditivo à pesquisa, realizada em diferentes instâncias da Educação, e também como um processo intelectual relacionado à tomada de decisão na qual o pesquisador dispõe de elementos teóricos, metodológicos e discursivos e que atravessam a produção do conhecimento. Ao tomarmos a

arquitetura da escrita científica como objeto de análise, o presente trabalho desloca o foco de instruções normativas para um entendimento reflexivo e formativo. Esse movimento dialógico requer domínio conceitual, transparência argumentativa e criatividade autoral; tal tríade põe em voga o ofício do pesquisador enquanto divulgador da ciência.

A redação de um texto acadêmico revela-se como um ponto de inflexão que torna tênue a linha que separa o rigor da flexibilidade. Nessa perspectiva, o processo de escrita se distancia de um exercício inerte e passa a constituir-se como uma implicação da proficiência leitora, à medida que traduz, reorganiza e tensiona saberes já consolidados. Ao ponderarmos sobre os novos critérios de avaliação da CAPES e de outras agências de fomento, eles permitem que um artigo científico, quando bem escrito, tenha sua circulação ampliada, além de facilitar a identificação da área de concentração dos Programas de Pós-Graduação e suas respectivas linhas de pesquisa.

As feições de um texto não podem ser definidas somente com base nos parâmetros atribuídos ao *qualis* de um periódico eletrônico, mas também devem levar em consideração os impactos causados pela prática investigativa e de que maneira esta traz implicações educacionais e científicas. Vinculada ao tripé pesquisa-ensino-extensão, a publicação de um artigo científico configura-se como uma prestação de contas junto à sociedade, visto que o investimento da verba pública é direcionado às universidades e aos centros de pesquisa. Quanto à extensão, ela é cumprida mediante a realização de ações que envolvam toda a comunidade e que podem ser resultados diretos ou indiretos das pesquisas desenvolvidas nas Instituições de Ensino Superior.

Como desfecho deste ensaio, reforçamos o nosso posicionamento de que a divulgação científica incorpora-se como uma atividade intelectual que está para além das atribuições instrumental e utilitarista. Reiteramos que essa cultura deve ser implementada nas várias modalidades do Ensino Superior e não somente no contexto da Pós-Graduação. À parte disso, ao defendermos a tese de que a escrita surte efeitos expressivos na formação do pesquisador, problematizamo-na como um processo que abre espaço para reflexões vindouras que levem em consideração outras áreas do conhecimento e experiências formativas com diferentes públicos, de modo a reafirmar o caráter dinâmico, histórico e social do empreendimento científico.

Referências

ADLER, Mortimer; VAN DOREN, Charles. **A arte da leitura**: diálogos sobre livros. São Paulo: É Realizações, 2017.

ADLER, Mortimer; VAN DOREN, Charles. **Como ler livros**: o guia clássico para a leitura inteligente. 1. ed. Campinas: Kírion, 2025.

- ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. *In: ADORNO, Theodor W. Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003. p. 15-45.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1. ed. Almedina: Edições 70, 2015.
- BELT, Pasi; MOTTONEN, Mikko; HARKONEN, Janne. **Tips for writing scientific journal articles**. Oulun Yliopisto: University of Oulu, 2011.
- BIANCHETTI, Lucidio; MACHADO, Ana Maria Netto. **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações**. São Paulo: Cortez, 2025.
- BORGES, Maria Célia. **A construção de um artigo científico: passo a passo**. 1. ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2023.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Retorno à reflexividade**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2024.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, Londres, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- BUENO, Wilson da Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia, [S. l.]**, v. 6, n. 1, 2012. Disponível em: <https://www.pbcib.com/pbcib/article/view/11932>. Acesso em: 23 jan. 2026.
- CAMPOS, Edson Nascimento. A linguagem viva da divulgação científica como gênero discursivo: a palavra própria e a palavra do outro na enunciação do especialista e do não especialista. **Revista Médica de Minas Gerais, [S. l.]**, v. 24, n. 6, p. 78-86, 2014.
- CANVA. **Canva: design gráfico online**. Disponível em: <https://www.canva.com>. Acesso em: 6 fev. 2026.
- CORBIN, Juliet; STRAUSS, Anselm. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DANTAS, Renato Falcão. **Como escrever um bom artigo científico: técnicas e estratégias para uma escrita de qualidade**. 1. ed. Campinas: Auster, 2025.
- DAY, Robert; GASTEL, Barbara. **How to write and publish a scientific paper**. 7. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2011.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto alegre: Penso, 2008.
- GARCIA, Débora Cristina Ferreira; GATTAZ, Cristiane Chaves; GATTAZ, Nilce Chaves. A Relevância do Título, do Resumo e de Palavras-chave para a Escrita de Artigos Científicos. **Revista de Administração Contemporânea**, Maringá, v. 23, n. 3, p. 1-9, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/KT6TxzgMBQ7WqZWTfrHKkhM/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 05 fev. 2026.
- GUSTAVII, Björn. **Como escrever e ilustrar um artigo científico**. Parábola Editorial, 2017.
- LANZANOVA, Luciane Sippert; SILVA, Edna Cristina Muniz da; CORRÊA, Tamar Bedran Vieira. Estudo do gênero artigo científico a partir da teoria de gênero sistêmico-funcional. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada, [S. l.]**, v. 23, n. 2, 2024. Disponível em: . Acesso em: 22 jan. 2025.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2018.
- LUKÁCS, Georg. **A alma e as formas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.
- POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

SANTOS, William Rossani dos; FERNANDES, Rebeca Chiacchio Azevedo. Estado da arte da produção acadêmica sobre ensino de evolução biológica no Brasil (1991–2021): um estudo baseado em dissertações e teses. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 30, p. 1-16, 2024.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/53xXMPYMBRBSqmFP6jHnbpQ/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 23 jan. 2026.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Elizabeth Maria da. Uso de IA generativa para ensinar artigo acadêmico: o que diz o ChatGPT?. **Diálogo das Letras**, [S. l.], v. 14, p. 1-17, 2025. Disponível em:

<https://homologacaoperiodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/7234>. Acesso em: 22 jan. 2026.

SWALES, John; FEAK, Christine. **Academic writing for graduate students**. 3. ed. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2012.

SWALES, John; FEAK, Christine. **Abstracts and the writing of abstracts**. Michigan: University of Michigan Press, 2009.

SWALES, John. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2015.

VIEIRA, Leide Jane Cruz; SILVA, Ilaydiany Cristina Oliveira da. A produção científica sobre os estudos bibliométricos no Brasil: uma análise a partir da Brapci. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 29, p. 1-31, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/emquestao/a/q8FfyPLmVmXX575H5VjFPwR/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 23 jan. 2026.

ZIMAN, John. **O Homem e a Ciência: conhecimento público**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

SOBRE O/A(S) AUTOR/A(S)

Ramon Alves dos Santos. Doutorando pela Rede Nordeste em Ensino (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB). Atuou como bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com período sanduíche no Instituto Superior de Ciências da Educação do Sumbe (ISCED-Sumbe) em Angola.

Contribuição de autoria: autor - <http://lattes.cnpq.br/0276668901800344>.

Ian Lima Santana. Mestre em Educação pela UESB. Graduado em Licenciatura Plena em Física pela UESB.

Contribuição de autoria: autor - <http://lattes.cnpq.br/6242705621816622>.

Oliveira Adão Miguel. Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), no Brasil. Professor Assistente do Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla (ISCED-Huíla).

Contribuição de autoria: autor - <http://lattes.cnpq.br/8002756294430125>.

Benedito Gonçalves Eugênio. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor Titular da UESB. Docente do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade e Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEn).

Contribuição de autoria: autor - <http://lattes.cnpq.br/1274035318009124>.

Como citar este artigo

SANTOS, Ramon Alves dos; SANTANA, Ian Lima; MIGUEL, Oliveira Adão; EUGÊNIO, Benedito Gonçalves. A escrita científica na formação do pesquisador: fundamentos teóricos, leitura acadêmica e rigor metodológico. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 5 n. 5, 2026. DOI: 10.22481/redupa.v5i5.18755